

INTERIOR DO RS

# O caminho da transformação da economia de Passo Fundo

Sexto PIB do Estado e quarto em geração de renda, município chega a 2023 como referência em desenvolvimento

FÁBIO SCHAFFNER

fabio.schaffner@zerohora.com.br

Um caminho ancestral, margeado pelas nascentes de cinco bacias hidrográficas e trilhado por indígenas, jesuítas, bandeirantes e tropeiros, transformou-se em um dos mais prósperos municípios gaúchos. Nascido ao redor da vereda secular aberta no mato, Passo Fundo chega a 2023 como referência em diversificação produtiva e polo regional para cerca de 1 milhão de habitantes do Planalto Médio, no norte do RS.

Com PIB de R\$ 10 bilhões, o município é a sexta economia do Estado e o quarto em geração de empregos. O desenvolvimento é assentado no agronegócio da região, com preponderância no plantio de soja, mas deriva sobretudo de matriz produtiva que complementa a tradicional triade de indústria, comércio e serviços com sofisticados complexos de saúde e educação.

Dessa forma, a produção agrícola espalhada nos 83 municípios do entorno atrai os lucros obtidos nas lavouras, além de empresas e trabalhadores dos mais variados setores. Não por acaso, foi em Passo Fundo que surgiram ou ganharam gigantismo empreendimentos que hoje ostentam faturamento bilionário, como a rede de farmácias São João, a BS-Bios, maior produtora de biodiesel do Brasil, e a desenvolvedora de softwares Compass UOL.

– É essa economia diversificada que dá robustez e nos faz atravessar melhor as crises que afetam os demais municípios. A cidade está sendo atrativa para as pessoas e para as empresas, gerando migração na busca por oportunidades de emprego e de renda – comenta o prefeito Pedro Almeida (PSD).

De fato, enquanto cerca de 250 municípios gaúchos registram queda na população na prévia do Censo 2022, Passo Fundo teve alta de 17%, ganhando mais 30 mil habitantes em relação a 2010. A estimativa atual aponta para 217.240 moradores, algo em torno de 25% de toda a região.

A migração e o desempenho econômico incrementaram a construção civil, fazendo de Passo Fundo o



Localização geográfica privilegiada facilita o desembarque e a distribuição de mercadorias

terceiro maior mercado imobiliário do Estado, só atrás de Caxias do Sul e Porto Alegre. Em 2022, foram R\$ 521 milhões em vendas de imóveis, com avanço de 22,5% em relação a 2021. Há novos condomínios sendo construídos, bem como o mais alto prédio residencial do RS, com 137 metros, 40 andares e previsão de entrega em maio de 2025.

A expansão da construção civil reflete a compleição econômica do município e a vocação para aglutinar a pujança do norte gaúcho. Segundo dados coletados pelo economista Ely Matos, pesquisador do Data Social e professor da Escola de Negócios da PUCRS, 99% do valor bruto criado em Passo Fundo vem da indústria, do comércio e dos serviços, ante 1% do agronegócio. Por outro lado, em todo o Planalto Médio, a produção primária responde por 16% da riqueza.

A vizinha Nova Alvorada, por exemplo, é a terceira cidade mais rica do país, conforme recente levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O município tem 32% da produção originada na terra, gerando renda média de R\$ 6.150 a cada um dos seus 3.698 moradores. Mas é em Passo Fundo, a 66 quilômetros de Nova Alvorada, onde ocorre a simbiose entre o dinheiro que brota do campo e os negócios que nascem na urbe.

– Nos municípios vizinhos, o agronegócio é muito mais forte, muito mais representativo no PIB de cada cidade. Mas aqui estão as agroindústrias, o grande comércio varejista, os prestadores de serviços, as universidades, os hospitais. Então, os produtores investem aqui, os filhos vêm estudar, a família procura um médico. Isso faz de Passo Fundo o motor econômico de uma região que já é próspera – diz o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Diorges Oliveira.

Até os anos 1990, a economia de Passo Fundo não diferia da matriz dos demais municípios. A mudança começou com o crescimento vertiginoso do mercado de soja, alterando a paisagem rural antes delimitada por lavouras de trigo. O incremento financeiro levou o município a investir na industrialização como forma de agregar valor ao ouro verde que surgia do solo. Atualmente, há 924 indústrias em atividade em Passo Fundo, empregando 12.341 pessoas, entre elas gigantes do setor alimentício como JBS, Cargill, Amaggi e Italc.

– A cidade mudou. Além do agronegócio, que se fortaleceu, a indústria e os serviços trouxeram desenvolvimento, impulsionando toda cadeia produtiva e fazendo do dinheiro girar o ano inteiro.

Daí em diante que o PIB de Passo Fundo melhorou bastante – diz o empresário Antônio Roso, dono da Metasa, indústria metalmeccânica com sede em Marau, e de outras 11 empresas na região, acumulando faturamento anual de R\$ 1 bilhão.

## Impulso

O desenvolvimento econômico impulsionou ainda dois outros setores: a saúde e a educação. São sete instituições de Ensino Superior, 26 colégios de Ensino Médio e 79 de Ensino Fundamental. Uma escola de música garimpa crianças e adolescentes com vocação para as artes e uma escola das profissões forma mão de obra para suprir demandas das empresas locais.

Com três faculdades de Medicina, Passo Fundo formou robusto polo de saúde, com oito hospitais e prontos-socorros, 40 postos de saúde e 174 policlínicas. São 6,48 médicos e 5,36 leitos por 100 mil habitantes, mais do que o dobro do RS – 2,61 e 2,58, respectivamente.

– A cidade quase quebrou nos anos 1990, um período de transição para empresas familiares que não conseguiram fazer sucessão e enfrentaram muitas dificuldades. A lógica era ir embora daqui. Mas surgiu uma nova geração de empresários, gente que acreditou,

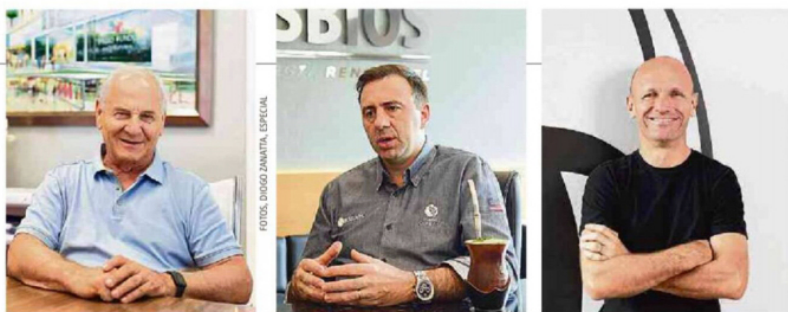
investiu e venceu. Hoje, o ambiente é muito mais otimista, a cidade atrai e retém os jovens – diz Eduardo Capellari, sócio-fundador da Aituis, grupo educacional com 18 cursos de graduação e 6 mil alunos.

Parte do impulso econômico é creditado à localização privilegiada. Situado num ponto central do norte gaúcho, o município facilita o desembarque e a distribuição de mercadorias. Também abriga o segundo maior aeroporto do Estado, com cinco voos diários para São Paulo e capacidade de transportar 300 mil passageiros ao ano.

A trilha indígena ao redor da qual a cidade surgiu não só se tornou a principal avenida do município como deu origem à BR-285, um dos corredores bioceânicos do Mercosul, aproximando o porto chileno de Antofagasta, no Pacífico, do porto catarinense de Imbituba, no Atlântico. A logística primitiva das tribos originárias ganhou modernidade e tecnologia, sem abdicar da essência natural de servir ao bem-estar das pessoas.

– Passo Fundo começou como caminho e virou entreposto comercial, mas sempre fez dessas conexões a sua eterna vocação. É um fluxo permanente que oxigena a cidade – diz o historiador Djiovan Carvalho, presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo.

DIOGO ZANATTA, EBF/CA



Antônio Roso (Metasa), Erasmo Battistella (BSBios) e Alexis Rothenbach (Compass UOL)

## Vocação empreendedora faz surgir empresas bilionárias

Erasmo Battistella ficou intrigado quando um amigo lhe perguntou o que era biodiesel. Alexis Rothenbach não parou de pensar em um software de gestão pedido pelo cliente que recém havia lhe comprado um computador. Antônio Roso jamais esqueceu as palavras do pai de que o negócio do futuro era aço. Foi assim, a partir de centelhas instigantes de conversas desprestiosas, que três visionários do Planalto Médio construíram empresas bilionárias.

Presidente da BSBios, maior produtora de biodiesel do país, Battistella está à frente de um complexo industrial que faturou R\$ 10 bilhões em 2022, sendo responsável por 21,89% do PIB de Passo Fundo, onde mantém a sede das operações. Diariamente, cerca de 500 caminhões entram e saem da fábrica espalhada por 30 mil metros quadrados onde o empresário produz combustível, óleo vegetal e farelo de soja, entre outros derivados de oleaginosas.

A operação se repete em outra unidade da empresa, em Marialva (PR). Juntas, as duas usinas têm capacidade de fabricar 2,6 milhões de litros de biodiesel por dia, a partir dos grãos fornecidos por 10.837 agricultores. Em expansão, a BSBios adquiriu, no ano passado, uma planta na Suíça, produzindo biodiesel de segunda geração a partir de óleo de cozinha usado. Em janeiro, chegou ao Paraguai, onde irá desenvolver diesel verde e bioquerosene para aviação. O próximo passo é a instalação, em Passo Fundo, de uma usina de etanol de trigo, num investimento de R\$ 600 milhões.

Tudo isso começou em 2004, quando um jovem Battistella, então com 25 anos e dono de um posto de combustíveis, estava na fila do Banrisul no município vizinho de Colorado. Abordado por um amigo que queria entender o que era biodiesel, o empresário tratou de pesquisar o produto e descobriu que havia política nacional de incentivo ao setor.

– Tive um estalo: estou no meio da soja e vendo diesel. Vou criar uma microusina, comprar a soja e vender o biodiesel – conta Battistella, que projeta chegar em 2030 como um dos três maiores produtores de biodiesel do mundo.

No início, Battistella procurou apoio de um dos maiores empresários da região. Sócio da fábrica de estruturas metálicas Metasa, Antônio Roso deu prestígio e suporte financeiro ao negócio, permanecendo como acionista da BSBios até 2010. Aos 76 anos, Roso tem portfólio diversificado de negócios, com 12 CNPJs e faturamento anual de R\$ 1 bilhão.

### Apostas

Seus mais novos empreendimentos envolvem a construção de um bairro planejado e um complexo logístico em Passo Fundo. Com 344 unidades residenciais espalhadas por 22 hectares, o loteamento tem 50 mil metros quadrados de área verde e fica a 13 minutos do centro da cidade. Já o terminal logístico foi projetado para abrigar cem lotes com até 5 mil metros quadrados cada um, aproveitando a localização do município para atuar como centro de operação e distribuição empresarial. Também está nos planos tornar o espaço um porto seco, dotado de estrutura alfandegária.

Filho de agricultores que viviam da produção de madeira e erva-mate, principais motores da economia da região até os anos 1950, Roso começou a trajetória empresarial divorciado do campo. Internado num colégio religioso na adolescência, abandonou a escola tão logo o pai o mandou capinar uma roça. Mesmo formado em Direito, jamais exerceu a atividade e fez da veia empreendedora sua profissão de fé.

– Troquei uma Kombi por um bar, transformei o bar em lancheria, depois comprei o prédio, e assim fui indo, até lembrar do pai me dizer que um dia a madeira ia acabar e o negócio era

trabalhar com aço. Assinei 24 promissórias e fundei a Metasa – conta Roso, que começou produzindo esquadrias e, hoje, fatura R\$ 400 milhões ao ano fornecendo estruturas para indústrias de petróleo e de celulose.

No final dos anos 1990, enquanto Roso ganhava prêmios estaduais de “Empresário do Ano”, Alexis Rothenbach dava aulas de Ciências da Computação na Universidade de Passo Fundo (UPF). Ele recém havia fundado uma firma de venda de computadores, a Compasso, atendendo empresas da região. Certo dia, um lojista que havia adquirido uma máquina perguntou se ele não dispunha de algum programa que o ajudasse na gestão do negócio. A partir do pedido, Rothenbach percebeu que deveria apostar em softwares.

Recrutando talentos na UPF, montou um escritório com 10 funcionários no centro de Passo Fundo. Aos poucos, a Compasso passou a desenvolver programas, galgando clientes sobretudo na indústria moveleira da Serra. O crescimento logo despertou a atenção da UOL, gigante do setor de conteúdo e serviços de tecnologia, que em 2013 adquiriu o controle acionário da companhia. Hoje, Rothenbach é acionista e CEO de uma empresa com 6 mil colaboradores espalhados por mais de 500 cidades do Brasil e do Exterior.

Para acelerar a expansão global, o nome mudou para Compass UOL. Nos últimos anos, a companhia comprou seis empresas só nos EUA. A empresa não divulga faturamento, mas analistas asseguram que a cifra é bilionária – só a Avenue Code, americana com mil funcionários recém-adquirida, fatura R\$ 950 milhões anuais.

– Nosso maior centro de desenvolvimento continua em Passo Fundo, com 500 profissionais. Isso deu suporte para o nosso crescimento – assegura o diretor de Operações, Luciano Guareschi, recrutado por Rothenbach na UPF e, hoje, sócio da empresa.

## “Investimos bem e colhemos bem”

A chuva recém parou e o cheiro de terra molhada permeia o ambiente enquanto Leonísio Henn cruza os 500 metros que separam a soleira da porta de casa da lavoura de soja, no interior de Tapera, no norte do RS. Ao lado do filho Crístian, o agricultor observa com orgulho as plantas viçosas, com cerca de 80 centímetros de altura, três vezes maior do que a plantação do vizinho, logo ali ao lado.

– Investimos bem, adubamos bem e colhemos bem. Não achar que estou mentando, mas tenho tirado, em média, de 75 a 80 sacas de soja por hectare nos últimos anos – afirma Henn.

Em um Estado assolado por sucessivas estiagens e cuja produtividade média da soja num ano de boas chuvas fica na casa das 50 sacas por hectare, o produtor é um caso raro não só pela colheita de verão, mas pelo que tira no inverno. Há pelo menos três décadas, Henn semeia trigo na área antes ocupada pela oleaginosa, mantendo a terra cultivada o ano inteiro.

Essa tem sido uma das principais bandeiras de entidades de pesquisa e fomento ao agronegócio no Estado. Capitaneado pela Farsul, o programa Duas Safras estimula produtores a aderirem ao movimento, projetando incremento de R\$ 32 bilhões no PIB do RS em 10 anos. No Planalto Médio, a prática é comum há muito tempo.

– A região não tem mais capacidade de extensão das áreas de soja, mas a tendência é de continuar crescendo nas culturas de inverno – diz o presidente do Sindicato Rural de Passo Fundo, Carlos Fauth.

Há quatro anos, o Estado tinha cerca 700 mil hectares de trigo, metade da área atual. Em 2022, o Brasil atingiu recorde na safra de trigo, com 10 milhões de toneladas. O volume se aproxima do valor histórico de demanda interna, estimada em 12 milhões de toneladas. Sediada em Passo Fundo, a Embrapa Trigo é pioneira no sistema de plantio direto e trabalha em linhas de pesquisa para aumentar a produtividade. Segundo o chefe-adjunto de Transferência de Tecnologia da unidade, Giovanni Faé, há 40 pesquisadores dedicados ao estudo de manejo do solo, fitopatologias, controle de pragas e melhoramento genético.

– São programas transversais que trazem soluções para dar segurança e mais lucratividade ao produtor. Temos capacidade de intensificar mais de 6 milhões de hectares no Estado. É rotação e sinergia, com operação 365 dias ao ano. O casamento é genética de qualidade com manejo eficiente – explica Faé.

### Tecnologia

O objetivo é dobrar a área do RS destinada às culturas de inverno, passando de 20% para 40% do território ocupado pela soja no verão. Além da Embrapa, atuam na região empresas e organizações privadas com foco em pesquisa e inovação.

Fundada em 2008, a Biotrigo Genética começou com seis funcionários. Quinze anos depois, tem 120 colaboradores e filiais no Paraná e na Argentina. A empresa mantém 80 campos experimentais onde são desenvolvidas 1,6 mil amostras. Cerca de 50 pesquisadores (10% com doutorado) têm dedicação exclusiva à criação de novas variedades, seja para destinos tradicionais, como produção de farinha e cevada, mas também para novas janelas do mercado agrícola, como silagem e etanol feitos a partir de trigo. Já são 20 cultivares lançadas, entre elas a TB Ponteiro, a semente triticola mais plantada no Brasil.

Já o Tecnoagro foi concebido para disseminar tecnologia em propriedades. É uma associação na qual 22 empresas do norte gaúcho buscam desenvolver ferramentas para gerar produtividade e preservação ambiental. Abrigado no parque tecnológico da UPF, ainda está em fase embrionária. Mas já há linhas de atuação, sobretudo no combate ao déficit hídrico e na agricultura de hiperprecisão.



Leonísio Henn